

## A SUBSTITUIÇÃO EM LINGÜÍSTICA

R. F. MANSUR GUÉRIOS

Em lingüística o termo **substituição** (1), que significa "permuta ou troca de uma ou mais unidades lingüísticas por outra ou outras", abrange vários tipos, quer sob o aspecto diacrônico, quer sob o aspecto sincrônico. Vamos apresentá-los, definindo-os e exemplificando-os.

1.º) Desde que um indivíduo, em certo lugar, por qualquer motivo, veio a pronunciar, p. ex., **kl-** do latim **clocca**, etc., não como **kl-**, mas como **kly-** [klyokka], temos apenas um fenômeno fonético, e desde que outros locutores do mesmo lugar vieram a proferir **kly-**, em vez de **kl-**, não só nesse vocábulo, mas também em outros, similares, estamos perante uma lei (lei fonética), visto como o conceito de lei pressupõe o conceito de repetição.

Mas sucede que, assim como êsses falantes manifestaram tal inovação, é possível que, em outro ou outros lugares de um mesmo território, houvesse locutores que vieram a proferir palatizado o mesmo grupo consonântico. As mesmas causas produzem ou podem produzir os mesmos resultados ao mesmo tempo ou não, em regiões diferentes dentro de uma mesma comunidade lingüística. São casos de coincidência, de paralelismo independente, porque não se processaram por influência de um indivíduo sobre outro, isto é, não houve imitação da parte dos falantes.

Aqui estamos ante o fenômeno da **evolução fonética** (2), no sentido apenas de **mudança fonética, permuta fonética, câmbio fonético** (3).

Mas a tendência de imitar, fenômeno geral e universal, contribui também para a difusão dos fenômenos lingüísticos, e isto consciente ou inconscientemente. Em vista disto, pôde ter acontecido que outros indivíduos, vizinhos do primeiro que pronunciou **kly-** (em

1) Esp. *sustitución*, it. *sostituzione*, fr. e ingl. *substitution*, al. *Substitution, Stellvertretung, Ersatz*.

2) Por **evolução fonética** deve-se entender as mudanças dos fonemas de um estado a outro da língua.

3) Em esp. **cambio fonético**, it **mutamento fonético**, fr. **changement phonétique**, ingl. **phonetic change**, al. **Lautwandel**.

vez de **kl-**), ouvindo a nova seqüência fônica, vieram a imitá-la, deixando de dizer [klokka] para dizer [klyokka], e assim nos demais vocábulos com **cl-** latino (4). E também o inovador poderia ter sido o seu próprio imitador, quanto a outras palavras símeles.

Aqui, então, estamos ante um fenômeno de **substituição**, mais precisamente, de **substituição fonética**. Há paralelismo, porém dependente, pois houve influxo de um indivíduo sobre outro ou outros.

Com o decorrer do tempo, nesse território, a pronúncia antiga **kl-** desapareceu, vingando **kly-**, e constituiu-se, destarte, a uniformização.

Em Portugal, os vocábulos latinos aí introduzidos, dotados do grupo **cl-**, tiveram duas evoluções (5) — ao norte, na zona galego-portuguêsa, chegou a **ch-** (depois de ter passado a **tx**) (**chamar**, \* **chavo**, **chave**, etc.), e, ao sul, na zona moçarábica a **cr-** (**cramar**, **cravo**, \* **crave**, etc.). Posteriormente, em contacto as populações, vieram, no sul, a empregar os vocábulos correspondentes, cognatos, **chamar**, \* **chavo**, **chave**, etc. A área substituída por **ch-** junto com a outra área, com **ch-** evoluído, originário, hereditário, formam um todo territorial lingüístico que dá impressão de uniformidade, a qual, é evidente, não existia antes (6).

Trata-se, conforme Saussure, trata-se de **contágio** ou **imitação**. V. Pisani distingue entre **mutamento fonético** e **adoção mediante propagação**, embora afirme o mutamento fonético que tem lugar em consequência da propagação não diferir no seu mecanismo do mutamento fonético "kat' exochén", do "fato lingüístico puro", no dizer de Saussure (7).

---

4) Não é mister lembrar que, tanto para o inovador quanto para os imitadores, não houve simultaneidade, isto é, enquanto proferiam [klyokka], pronunciavam [klamo, klaue, etc.] (clamo, claue, etc.), ou "mutatis mutandis", ou, então, o mesmo indivíduo dizia ora [klokka], ora [klyokka], etc. Assim se explica que a forma nova coexiste com a antiga durante certo tempo, "non seulement quand il s' agit de la propagation d'un changement phonétique par substitution..., mais aussi quand il y a question d'une véritable évolution" (A. Sommerfelt, SUR LA PROPAGATION DES CHANGEMENTS PHONÉTIQUES "apud" V. Pisani, o. c., § 131. V. a observação 7.

5) Um dos caracteres da evolução fonética é a sua possível divergência: Um fonema ou grupo de fonemas pode chegar a dois ou mais fonemas. Na realidade, trata-se de resultados condicionados não só ao tempo, mas também ao espaço.

6) A exemplificação acima é de certo modo forjada, mas salvaguarda-se o princípio, que é real.

Chama Saussure a atenção para o fenômeno: "Le phonéticien distinguera donc soigneusement les foyers d'innovation, où un phonème évolue uniquement sur l' axe du temps et les aires de contagion qui, relevant à la fois du temps et de l' espace, ne sauraient intervenir dans la théorie des faits phonétiques purs. Au moment où un ts, venu du dehors, se substitue à t, il ne s' agit pas de la modification d' un prototype traditionnel, mais de l' imitation d'un parler voisin, sans égard à ce prototype" (COURS, Paris, 1931, p. 283).

7) V. Pisani, GEOLINGUISTICA E INDEUROPEO, Roma, 1940, § 141.

É verdade que o "fato lingüístico puro", a evolução fonética ou mutamento fonético, não deixa a rigor de ser substituição, pois nos exs. dados **kl-** foi substituído por **kly-**, por **ch-** ou por **cr**, e assim em **totu** > **todo**, o **-t-** foi substituído por **-d-**, o **-u** por **-o-**, em **pede** > **pee**, o **-d-**, oclusivo, foi substituído por **-dh-**, africado, e éste por "zero"... Mas, enquanto se reconhecer que o fenômeno se verificou sem imitação, contágio, adoção, não se deve admitir a substituição.

O fenômeno da uniformidade é confirmado pela geografia lingüística, a qual sustenta, como um dos seus princípios, que, em nenhuma parte de qualquer território se acham fonemas, morfemas, vocábulos, etc., de que se possa, com segurança, afirmar sejam conservados diretamente de uma época primitiva (herança direta) (8).

Todavia nem sempre é fácil a tarefa de ampliar, aprofundar as investigações para possibilitar testemunhos que provem até que ponto houve evolução natural ou originária, que é de natureza psicofísica, individual (9), além da qual houve substituição, primeiramente entre um pequeno grupo de indivíduos, e após de uma coletividade (10), e, portanto, de natureza social.

Em vista do exposto, podemos agora definir a **substituição fonética** — é a troca, por imitação, de um fonema por outro, realizada nos vocábulos de uma língua para a mesma língua, ou nos de uma língua para um dialeto ou falar, ou vice-versa. No caso de ser um dialeto ou falar para a língua, pode-se qualificar — **empréstimo fonético dialetal** ou **dialetismo fonético**.

2.º) Há também substituição quando uma língua transmite a outra, com a qual está em contacto, vocábulos dotados de fonema cujo som é difícil de pronunciar (11). Em tal caso tem-se **substituição fonêmica**, a qual consiste no emprêgo do som mais aproximado ao fonema estranho. Pode-se chamar também **acomodação** ou **adaptação fonêmica**.

Foi o que sucedeu com os vocábulos germânicos dotados de **w**, cujo som, bilabial e sonoro, "as populações romanas não puderam articular senão fazendo preceder-lhe um elemento velar oclusivo: quando essas palavras (**wardon**, **werra**, **wisa**, etc.) foram adotadas

8) A. Dauzat, LA GÉOGRAPHIE LINGUISTIQUE, Paris, 1922, "passim". E. Gamillscheg, DIE SPRACHGEOGRAPHIE UND IHRE ERGEBNISSE FÜR DIE ALLGEMEINE SPRACHWISSENSCHAFT, Bilefelde e Lípsia, 1928, pp. 17 e ss. . .

9) O ponto de partida de qualquer fenômeno fonético (ou em geral lingüístico) é de natureza preponderantemente espiritual (G. Bertoni, PROGRAMMA DI FILOLOGIA ROMANZA COME SCIENZA IDEALISTICA, Genebra, 1922, principalmente § 35.

10) V. Pisani, "ibidem", p. 210.

11) A. Rosetti, LES CHANGEMENTS PHONÉTIQUES — APERÇU GÉNÉRAL, Copenague e Bucareste, 1948, § 6.

aí pelo V e VI século, passaram, portanto, em todo o Ocidente a **gwardare, gwerria, gwisra**, etc. (12).

Nos vocábulos arábicos introduzidos no português, ou, melhor, no romance galego-português, os quais possuíam **6h (laringal)**, **7h (velar)** e **26 h (laringal)**, isto é, respectivamente, 6.º, 7.º e 26.º fonema do alfabeto árabe, tais sons foram substituídos por **f** e às vezes por

**k: attahona > atafona, alhaci > alface, habra > febra, alharata > alcarrada, almanahi > almanaque** (13).

A substituição fonêmica é às vezes chamada **mutação**, porque se realiza sem forma intermediária (14), e lingüísticas norte-americanas lhe dão o nome de **sudden soundchange** (mudança fonética súbita) (15).

Faz-se a substituição com a proximidade geográfica através de indivíduos bilíngües (16), e lembraremos a propósito os ladinos e os moçárabes que, na Península Ibérica, falavam o românico e o árabe.

Mas a substituição nem sempre é consequência do trato diuturno entre populações em contacto; pode ela verificar-se nas relações de todo gênero entre povos que vivem geograficamente afastados. Assim é explicada uma grande parte dos empréstimos que uma língua recebe de outra, mesmo que tal se tenha indiretamente.

Nos empréstimos, p. ex., de origem francesa para o português, o **u** é quase sempre substituído por **u**, raramente por **i: bureaucratie > burocracia, usine > usina, purée > purê, pirê**, etc. É evidente que a escrita haja contribuído para se ter a pronúncia **u**.

Nos anglicismos, o **ch** [tx] passa a [x]: **check > cheque, lunch > lanche**, etc.

Nos italianismos quase sempre se verificam estas adaptações: **cci > ch (capriccio > capricho), zz** ou "consoante" + **z > ç (carroza > carroça), gg** ou **g+e, i > j (appoggiatura > apojatura)**, etc. (17).

12) E. Bourciez, ÉLÉMENTS DE LINGUISTIQUE ROMANE, 3.ª ed., Paris, 1930, § 170.

13) R.F. Mansur Guérios, O ROMANÇO MOÇARÁBICO LUSITANO, sep. de LÉTRAS, n.ºs 5 - 6, Curitiba, 1956, p. 127 à 129.

14) J. Marouzeau, LEXIQUE DE LA TERMINOLOGIE LINGUISTIQUE, 3.ª ed., Paris, 1951, s.v. *mutation*. F. Lázaro Carreter, DICCIONARIO DE TÉRMINOS FILOLÓGICOS, 3.ª ed., Madri, 1968, s.v. *mutación*. S. Gili Gaya, ELEMENTOS DE FONÉTICA GENERAL, 2.ª ed., Madri, 1953, p. 193.

15) L. Bloomfield, A SET OF POSTULATES FOR THE SCIENCE OF LANGUAGE "in" PSYCHOLINGUISTICS, 1961, p. 33, n.ºs 75 e 76. Ch. F. HOCKETT, A COURSE IN MODERN LINGUISTICS, N. Torque, 1965, p. 384.

16) V. Pisani, o.c., p. 206 - 207.

17) R.F. Mansur Guérios, OS EMPRÉSTIMOS ITALIANOS DA LÍNGUA PORTUGUESA, inédito.

É também substituição fonética ou de fone, quando um traço articulatório peculiar ao fonema estrangeiro é regularmente substituído por outro, aproximado, nacional. É o caso de se proferir, p. ex., o R como uvular, quando na outra língua o R é apical, ou vice-versa. É a **acomodação ou adaptação fonética** (18).

Na realidade, não há substituição de um fonema de uma língua por outro de outra língua, mas o fonema estranho vai com a palavra ou com as palavras que o contenham (19).

3.º) Há substituição, com o nome de **paraplasma**, quando uma expressão analógica toma o lugar da expressão própria (20). Exs.: **Despeço**, analógico de **peço** (verbo **pedir**) é substituto de **despido**. O lat. **potere** substituiu **posse**; aquela é forma analógica baseada em **potes**, **potest**, **potestis**, etc.

Saussurre, tratando da analogia e especialmente do paraplasma (21), exemplifica-o também foneticamente: O antigo lat. **honos** foi substituído por **honor**, graças à "personagem coletiva" ou "grupo gerador" constituído por **honorem**, **orator**, **oratore**, etc.

Por fim, não será demais acrescentar que não há substituição, mas apenas adaptação, gráfica ou morfológica, quando a palavra estrangeira não contém som estranho: fr. **abat-jour** > **abajur**, **toilette** > **toalete**, **champagne** > **champanhe**, **champanha**, **garage** > **garagem**, etc.; it. **ghetto** > **gueto**, **sdrusciolo** > **esdrúxulo**, etc.

4.º) A substituição é de **alternância** ou **alternante** (ingl. **substitution-alternants** ou **substitution-forms** (22), quando uma modificação fonética no interior de um morfema léxico produz modificação de natureza morfemo-gramatical. Exs. no ingl.: **foot/feet**, **mouse/mice**, **man/**

18) L. Bloomfield, o.c., p. 33.

19) E. Gamillscheg, o. c., p. 17 e ss. W. von Wartburg, PROBLÈMES ET MÉTHODES DE LA LINGUISTIQUE, Paris, 1946, p. 30 — 31.

20) É a definição tradicional. V.J. Marouzeau, o.c., s.v. **Paraplasme** — "Dans la langue de la grammaire traditionnelle, substitution à une forme ancienne d'une forme nouvelle, considérée comme résultant d'une création (gr. **paraplasmos**) analogique". P. ex., fr. **trouve** substituiu **treuve** por analogia com **trouvons**.

V. também F. Lázaro Carreter, o.c., s.v. **Paraplasmo** — "Substitución de una forma antigua por otra nueva, producida por analogía".

Mas para o GLOSSARY OF LINGUISTIC TERMINOLOGY de Mario Pei, N. Torque, 1966, **paraplasism** é apenas "the replacement of an established form by a newly coined one", e exemplifica: "skidoo of 1920s replaced by the later **scram**".

21) COURS, o.c., p. 224.

22) L. Bloomfield, LANGUAGE, Londres, 1955, p. 216.

**men**, etc., que apresenta a distinção numérica pela troca de [-uu-] [-aw-], [-a-] respectivamente por [-iy-], [-ay-], [-e-]. Tôdas estas formas são alternantes do morfema gramatical normal [-iz-,z-,s].

Assim também, em ingl., com distinção temporal em verbos irregulares, como **drink/drunk**, etc. Casos símiles no port.: **faz/fêz**, **fiz/fêz**, **pus/pôs**; em alem. **gab./gib**, etc.

5.º) Há substituição quando, por qualquer motivo, uma palavra cede o lugar a outra, assumindo esta o sentido da desaparecida. Damos, neste caso, o nome de **metalexismo** <sup>(23)</sup> ou **metalexia**.

Assim, do latim de uma fase para o de outra, muitos têrmos foram postergados em benefício de outros: **os**, **oris** substituído por **bucca**, **equus** por **caballus**, **emere** por **comparare**, **totus** por **omnis**, etc., mesmo incluídos os cognatos, como **apis**, que foi suplantado por **apicula**, **ovis** por **ouicula**, etc., ou de formas sintéticas substituídas por analíticas, como **altior** por **magis altus**, **plus altus**, **altissimus** por **multum altus**, **amor** por **sum amatus**, etc., e até fenômenos semânticos, como **sum amatus**, "fui amado" por **sum amatus**, "sou amado", etc.

Os nomes dos animais americanos **jaguar**, **tapir**, **urubu** dos indígenas de língua tupi têm como concorrentes para substituição, respectivamente, **onça**, ou **tigre**, **anta**, **corvo**, todos da língua portuguesa.

Quando se preenche a falta de uma forma morfológica com outra, tem-se o fato denominado **supletivismo** <sup>(24)</sup>. P. ex., no lat., o pres. do subj. **sim**, **sis**, **sit**, etc. desapareceu, e surgiram as formas supletivas **sedeam**, **sedeas**, **sedeat**, etc., do verbo **sedere**, que tomou conta de **esse**. **Pior**, **melhor**, **maior** são formas supletivas para o comparativo de superioridade de **mau** ou **ruim**, **bom**, **grande**. Também é forma supletiva quando se usa forma de gênero diferente, não cognata, para oposição de sexo do reino animal: **boi** — **vaca**, **cavalo** — **égua**, etc.

Quando um têrmo vier a ser vedado por motivo mágico-reli-

23) R.F. Mansur Guérios, TABUS LINGÜÍSTICOS, Rio, 1956, § 5. Foi cunhado mediante os componentes gregos **metá**, "mudança" e **léxis**, "palavra", e sufixos — **ismo**, **ia**.

24) Francisco da Silva Borba, PEQ. VOCABULÁRIO DE LINGÜÍSTICA MODERNA, S. Paulo, 1971, s.v. J. Maltoso Câmara Jr., DICIONÁRIO DE FILOGIA E GRAMÁTICA, Rio e S. Paulo, 1964, s.v. supletivos. A lingüística norte-americana dá o nome de **suppletion** a várias modalidades de supletivismo (Mário Pei, GLOSSARY OF LINGUISTIC TERMINOLOGY, N. Iorque, 1966, s.v.).

Na glossemática, dá-se o nome de **supletivismo** ao fato de várias expressões (significantes) corresponderem a um só conteúdo (significado), como, p. ex., **ando**, **andas**, **andei**, **andamos**, etc., i. é "ação de andar"; **atalaia** e **sentinela**, i. é, "vigia" (E.A. Llorach, GRAMÁTICA ESTRUTURAL, Madri, 1951, § 37).

gioso ou por motivo moral ou sentimental (**tabu lingüístico**), e houver, todavia, necessidade de expressar tal idéia ou significado, empregar-se-á um substituto permitido, neutro ou tolerável, a que se dá a designação de **noa**, ou, principalmente quando moral ou sentimental, **eufemismo**.

O nome indo-europeu **\*sunús**, "filho", p. ex., chegou a ser tabuizado no Ítalo-céltico, e como substituto criou-se, no latim, **filius** (25).

Vários são os recursos para substituição (26): gesticulação, expressão genérica, estrangeirismo, hipocorístico, antífrase, disfemismo, eclipse, deformação fonética, etc. Dêste último expediente sejam exemplos **diacho**, **dialho**, **diogo**, etc., em vez de **diabo**; **disgranhado**, **desgranido**, **disga**, **nisga**, etc., em vez de **desgraçado**.

A. Carnoy (27) propôs o nome **diassemia** (fr. **diasémie**) à substituição consciente, direta e súbita, a fim de obter certo efeito particular, mediante a maior expressividade possível.

"Uma das características da linguagem "diassêmica" é, realmente, diz A. Carnoy, é visar mais ao "efeito", à "impressão" do que à exatidão".

Trata-se de fenômeno de natureza estilística, e pode abranger não só o léxico senão também a fraseologia e a sintaxe.

Entra aqui a linguagem figurada, a comparação, a metáfora, a sinédoque, a metonímia, etc. São, portanto, exemplos: **cetno** (realeza), **altar** (religião), **almas** (habitantes), **fogos** (casas), **felino** (tigre, etc.), **pão** (alimento), **pena** (escritor), **pincel** (pintor), **louros** (vitória), **pessoa de côr** (negro), **o Tibre** (Roma), **Nero** (tirano), **o orador romano** (Cícero), **o grande cabo-de-guerra** (Napoleão), **S. Pedro de Roma** (a igreja de Roma, consagrada a S. Pedro), **chegar a hora** (morrer), **fulano vai bem** (fulano vai mal), **pêso dos anos** (velhice), **inverno da vida** (velhice), **mergulhado na tristeza** (tristíssimo), etc.

6.º) Há substituição que se chama **gramatical**, quando o fenômeno se refere a formas gramaticais.

O fenômeno não é inteiramente de natureza gramatical ou "intelectual", e tendo como finalidade a economia, ou a não-repetição, e mesmo a clareza, é por isso mesmo também de natureza estilística.

25) W. Havers, *NEUERE LITERATUR ZUM SPRACHTABU*, Viena, 1946, p. 22.

26) R.F. Mansur Guérios, o.c., § 5: *Meios de substituição dos vocábulos tabus*.

27) *LA SCIENCE DU MOT — TRAITÉ DE SÉMANTIQUE*, Lovaina, 1927, p. 249 e ss.

As formas gramaticais que dizem respeito à substituição, constituem uma grande classe, estudada amplamente pela lingüística moderna e especialmente pela escola bloomfieldiana (Círculo Lingüístico de Nova Iorque) (28).

Aqui, mais do que nos vários tipos de substituição, estamos perante sinonímia em sentido amplo, com unidades equivalentes funcionalmente, mas não pertencentes à mesma hierarquia gramatical, pois são de várias classes de palavras que formam paradigmas, e, não apresentando o mesmo nível, a mesma hierarquia, apresentam, contudo, alguns traços diferenciais do significado, e mesmo nova função ou nova classe.

Em vista do exposto, pode-se fazer a distinção seguinte entre esta substituição e as já citadas anteriormente. As já citadas dizem respeito ou à fonologia (fonética e fonêmica) ou ao léxico, ao passo que esta se refere à gramática, isto é, "àqueles substitutos que se constroem sobre morfemas especiais, e principalmente os que estabelecem pequenos sistemas que relacionam uns substitutos com outros" (29).

É claro que, sob o aspecto gramatical, o fenômeno da substituição, que é universal (30), varia de língua para língua.

São substitutos os pronomes pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos, relativos: **eu** (= p. ex. **Pedro, teu** (= p. ex. **de Pedro**), **isto** (= a coisa próxima do locutor), **alguém** (= **Paulo, Pedro**, etc.), **quem?** (= **Pedro, Paulo**, etc.), **cujo** (= **de Pedro, de algo**), etc.

Os advérbios: **aqui** (= **neste lugar**, etc), **ontem** (= **no dia anterior, anteriormente**), etc. Os advérbios **sim** e **não** servem para resposta, respectivamente, afirmativa e negativa: Posso fumar? **Sim!** Vens? **Não!** São substitutos oracionais.

Há substitutos que podem ser manifestados tão só pelo gesto, em vez de **eu, você, êle, êste, isto, aquilo, aquelas, tudo**, etc.

O substituto é chamado **anáfora** ou **anáforico**, quando faz referência a um termo já expresso ou a expressar: Escrevi-lhe uma carta e um cartão, mas sei que **êste** não foi recebido. Não **o** disse: Você é um covarde!

---

28) L. Bloomfield, *LANGUAGE*, Londres, 1955, cap. 15. Charles Hockett, *A COURSE IN MODERN LINGUISTICS*, N. Iorque, 1965, cap. 30.

29) Francisco Rodríguez Adrados, *LINGÜÍSTICA ESTRUTURAL*, Madri, 1969, § 2, p. 446.

30) Charles F. Hockett, *THE PROBLEM OF UNIVERSALS IN LANGUAGE "in" UNIVERSALS OF LANGUAGE*, Cambridge, Mass., 1963, p. 16 (4.1. e 4.2).



Pode haver substituto de traço distintivo zero, isto é, com sujeito oculto e indeterminado: **Mandaram a conta. Alugam-se quartos.**

No enunciado — **Pedro é mais estudioso que Paulo** — há substituto anafórico de traço distintivo zero: (Paulo) **é estudioso**. Assim também **O homem procurou o livro; afinal achou** — com duas ausências: **o homem e o livro**.

Pode um substantivo servir de substituto a pronome pessoal da 2.<sup>a</sup> pessoa: **Como está o doutor? Vai bem o cavalheiro? Acho que o amigo deve estudar.** (31).

Os verbos **ser e fazer** podem substituir o verbo que foi expresso antes: **Ele veio? Pode ser. Reclamou, mas podia fazê-lo?** Há, em port., outras expressões vicárias: **tal, assim, destarte, fazer o mesmo, fazer a mesma coisa, não fazer outra coisa, fazer outro tanto.**

As desinências podem ser substitutos do sujeito: **canto, cantas, canta, etc.**; do possuidor, p. ex., no árabe: **kitabí, "livro (kitab) meu (i)"**, etc.

7.º) As substituições que agora serão enfocadas, dizem respeito a processos ou métodos para mais de uma finalidade:

**A substituição como prova** — A substituição de uma unidade lingüística por outra, dentro de um contexto, é o método que se recorre para identificação dos traços estruturalmente relevantes. É quase geral, entre os lingüistas, o termo **comutação** para êste tipo de substituição (32). "A comutação, diz A. Martinet, é uma consequência da afirmação axiomática de que uma distinção é relevante em um plano se fôr suficiente para estabelecer uma distinção no outro plano: a distinção entre [i] e [e] é pertinente em inglês, porque é suficiente para fazer de [pin] outra unidade significativa [pen]; o nominativo e o genitivo são duas categorias diferentes, em latim, porque [rosae] é distinto de [rosa] (33).

31) Criticando Jespersen o conceito de pronome, apresenta a possibilidade de um nome servir de pronome da 1.<sup>a</sup> pessoa. É o caso da palavra *Caesar* em vez de *eu*, empregada pelo autor do *De Bellum Gallicum* (THE PHILOSOPHY OF GRAMMAR, Londres, 1935, p. 82).

Acrescente-se a expressão *Filho do Homem* com que Jesus se designa a si mesmo no Evangelho (p. ex., Mt 13: 37, Mc 14: 62; Lc 19: 10, Jo 6: 27).

32) Estruturalistas norte-americanos, como Harris, Pike, etc., preferem o termo **substituição** para êsse método, mas como êle é muito genérico, deve-se deixá-lo de lado e adotar **comutação**.

33) Os dois planos são: da **expressão** (= significante) e do **conteúdo** (= significado). Foram os glossemáticos os introdutores do termo **comutação** (A. Martinet, LINGÜÍSTICA ESTRUTURAL, "in" CUATRO ARTÍCULOS DE LINGÜÍSTICA ESTRUTURAL, B. Aires, 1962, p. 21).

"A comutação, diz L. Hjelmslev, é a relação fundamental que é a verdadeira chave para o entendimento das línguas no sentido lingüístico da palavra" (34).

Serve para delimitar os pleremas e para distinguir entre variantes e invariantes (35). Exs.: Comprei **livros**/ Comprei **livro**. Não vi **os meninos**/Não vi **as meninas**. Isto é, diferença de expressão (significante) que se percebe entre **livros** e **livro** corresponde uma diferença de conteúdo (significado) "mais de um livro" e "um livro". ou vice-versa.

Se mudarmos a expressão, modificar-se-á o conteúdo, ou se mudarmos o conteúdo, transformar-se-á a expressão Assim, **livro-s** tem duas unidades distintas: o plerema **livro-** e o morfema gramatical **-s**, índice de pluralidade. E é suscetível de ser comutado por **doces**, **fitas**, **revistas**, etc., ou **livro**, **doce**, **fita**, **revista**, etc., com o morfema zero, índice de singular.

Para Z.S. Harris, a substituição é a técnica que consiste em trocar um enunciado completo ou qualquer parte dêle, até ao fone, por outro material lingüístico, para determinar se o enunciado é divisível e como melhor dividi-lo. P. ex.: **John gives Mary a book**, que, com substituição de tôdas as suas partes, passa a **He wrote her two letters**. Etc. **Livro** com os fonemas substituídos fica **palma**, **deste**, **faces**. Etc. (36).

O processo da comutação favorece o conhecimento dos fonemas e arquifonemas de uma língua, e, com isto, são êles classificados consoante as respectivas relações com os outros fonemas e arquifonemas do sistema. Assim, a comutação é a substituição de um segmento fônico de uma palavra por outro segmento, existente na língua, e cujo resultado seja outra palavra, mas se a segmentação fôr cada vez menor, chegar-se-á ao fonema, elemento indecomponível. Se substituímos em **manto**, p. ex., o segmento **ma-por-ve-**, teremos **vento** se mudarmos o **m-** de **manto** por **c-** [**k**], obteremos **canto**.

34) ANÁLISIS ESTRUCTURAL DEL LENGUAJE "in" CUATRO ARTÍCULOS..., p. 39. Crítica à comutação, v. Eugenio Coseriu, FORMA Y SUSTANCIA EN LOS SONIDOS DEL LENGUAJE "in" REV. DE LA FACULTAD DE HUMANIDADES Y CIENCIAS, Montevideu, 1954, n.º 12, p. 184 e ss.

35) **Plerema** é o constituinte ou a unidade de conteúdo. **Variantes** são os correlatos com substituição mútua, e **invariantes** são os correlatos com comutação mútua. Ou variantes são conceitos que mostram nenhuma distinção formal. Exs.: o **livro** como sujeito e o **livro** como objeto; port **carne** com os conteúdos do ingl. **flesh** e **meat**. Ou invariantes são conceitos que mostram distinção formal e funcional, como, p. ex., o alemão **der Mann** sujeito, e **den Mann**, objeto. (E. A. Llorach, GRAMÁTICA ESTRUCTURAL, Madri, 1951, "passim", e L. Hjelmslev, PROLEGOMENA TO A THEORY OF LANGUAGE, Madison, 1961, "passim").

36) Zellig S. Harris, STRUCTURAL LINGUISTICS, Chicago, 1960, "passim".

Todos os segmentos são diferentes e cada vez menores (**man-**, **sol-**; **ma-**, **ve-**; **m-**, **c-**). Na última segmentação não há possibilidade de substituição de **m-** e **c-** por segmentos menores, logo **m** e **c** são fonemas, elementos indivisíveis, embora cada qual seja, por sua natureza, elemento complexo (**m** é oclusivo, bilabial, sonoro, nasal; **c-** é oclusivo, velar, surdo, oral), mas a sua complexidade é simultânea e não sucessiva. Praticamente, basta substituir **m-** de **manto** por **c-**, dando **canto** (37).

Pela comutação se resolve também o problema da existência de um ou dois fonemas em certos grupos fônicos (38).

A comutação é ainda recurso para se reconhecer se uma palavra é sinônima de outra, dentro de um contexto e sem que se altere o sentido geral dêste (39). P. ex.: Isto é **exequível** = Isto é **fácil**. **Lobri-guei** um vulto = **Entrevi** um vulto.

E o significado de uma palavra pode ser depreendido pela comutação dentro de um contexto (40):

O verbo **tenho** possui significações diferentes nestes enunciados: **Eu o tenho por educado** e **Eu tenho dinheiro**. Comutando-se, na primeira oração, **tenho** por **julgo**, tem-se **Eu o julgo por educado** e **tenho** é sinônimo de **julgo**, mas não é possível a mesma comutação no segundo enunciado.

Os glossemáticos lançam mão ainda de uma modalidade de substituição a que dão o nome de **permutação**. É o método para o reconhecimento ou identificação das magnitudes (functivos ou têrmos que intervêm em uma função) de um texto. Consiste na mudança posicional de um segmento da cadeia (parte do texto) no plano da expressão (significante), produzindo-se, em conseqüência, mudança posicional no plano do conteúdo (significado). Exs.: **O caçador matou o jaguar/ O jaguar matou o caçador. Órfãos sem asilo/ Asilo sem órfãs. Perigo de brinquedo/ Brinquedo de perigo. Homem grande/ Grande homem.**

Em línguas dotadas de morfemas casuais, a permutação possibilita apenas nuanças de caráter estilístico: **Deus mundum amat/ Amat Deus mundum/ Mundum Deus amat** etc.

37) É evidente que, se a comutação de um fonema por outro (*roca - roga - rolha - roça, etc.*), produzir palavras inexistentes, embora com fonemas da língua *ropa - rona - rora, etc.*), tal não corresponde à definição, visto não haver identificação contextual.

38) A. Martinet, *LA LINGÜÍSTICA SINCRÓNICA*, trad. esp., Madri, 1968, cap. IV.

39) Ch. Bally, *TRAITÉ DE STYLISTIQUE FRANÇAISE*, I, 2.ª ed., Haidelbergue e Paris, 1921, § 161. S. Ullmann, *PRÉCIS DE SÉMANTIQUE FRANÇAISE*, Berna, 1952, p. 180.

40) S. Ullmann, *SEMÁNTICA*, trad. esp., 2.ª ed., Madri, 1967, p. 74.

E daí se deduz que os morfemas presos (afixos, desinências, etc.) não são permutáveis, mas, sim, os morfemas léxicos ou, melhor, as palavras, as quais, pois, são os menores signos permutáveis capazes de diferenciar as cadeias.

Segundo os glossemáticos (ou a escola de Copenague) tanto a comutação quanto a permutação têm um denominador comum que é a **mutação**, pois, segundo a definição de Hjelmslev, **comutação** é "a mutação entre os membros de um paradigma"; e **permutação** é "a mutação entre as partes de uma cadeia" (sintagma ou paradigma) (41). E por **substituição**, que, para essa escola, é o oposto da comutação, define-se como ausência de mutação entre os membros (componentes) de um paradigma (classe dentro de um sistema semiótico). P. ex., **jaguar** pronunciado **xaguar**, i. é, houve mudança da expressão, mas não do conteúdo, e vice-versa, p. ex., **nota**, "dinheiro", "observação" — **nota**, de "música", etc. E, por fim, é também modalidade de substituição o **arranjo** em certas oposições, nas quais duas ou mais palavras, com os mesmos traços, diferem entre si, porque não têm a mesma distribuição. Exs.: **vala** — **lava**, **graça** — **sagra**, **passo** — **sapo** — **sopa**, **lusa** — **azul** (42).

**A substituição como meio didático** — A comutação é recurso importante para o aprendizado de uma língua. Trata-se de enunciado de que se deve substituir uma palavra por outra, da mesma classe gramatical, e as demais do enunciado devem permanecer intactas (43). Exs.: **O vizinho é meu parente/O rapaz é meu parente/O estudante é meu parente**. Etc.

**O vizinho é meu parente/ O vizinho conhece meu parente/ O vizinho vem procurando meu parente**. Etc.

**O vizinho é meu parente/ O vizinho é amável/ O vizinho é corajoso**. Etc.

O valor de tal expediente assenta-se principalmente no fato de que se aprendem as palavras dentro de contextos normais.

Outro processo apresenta-se destarte:

**O vizinho conhece meu parente/ A professora visitou o belo parque/ Aquele operário pôde receber a gratificação**. Etc. E daí as substituições:

---

41) L. Hjelmslev, PROLEGOMENA TO A THEORY OF LANGUAGE, trad. Madison, 1961, "passim".

42) J. Tubiana, CAHIERS FERDINAND DE SAUSSURE, IX, pp. 41 — 46, "apud" Roland Barthes, ELEMENTOS DE SEMIOLOGIA, trad., S. Paulo, 1971, p. 90.

43) K. L. Pike, PHONEMICS — A TECHNIQUE FOR REDUCING LANGUAGES TO WRITING, Ann Arbor, 1961, p. 228 e ss.

**O vizinho conhece meu parente/ O vizinho visitou o belo parque/ O vizinho pôde receber a gratificação.** Etc.

**O vizinho conhece meu parente/ A professora conhece meu parente/ Aquêlê operário conhece meu parente.** Etc.

E há outros tipos símiles.

Concluimos aqui os principais tipos de substituição, deixando de lado minudências, e tentando resumi-los nesta definição: É o fato pelo qual uma ou mais unidades lingüísticas ocupa o lugar de outra ou outras, definitivamente ou momentâneamente, por várias razões, naturais ou artificiais (metáforas, etc.).